

SEM “LEVEZA NA LÍNGUA”, A VOZ POÉTICA DE KAUR: DA DENÚNCIA À HOMENAGEM

WITH NO “LIGHTNESS ON MY TONGUE”, KAUR’S POETIC VOICE: FROM DENUNCIATION TO TRIBUTE

Resumo

Neste trabalho, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso, analisaremos um vídeo, produzido pela Editora Planeta de Livros Brasil, de divulgação da obra de Rupi Kaur, o qual circulou na Internet no Dia Internacional da Mulher como uma homenagem às mulheres pelo seu dia. Pretendemos refletir sobre os deslocamentos que o vídeo produz ao trazer os poemas de Rupi Kaur declamados por atrizes globais. Na obra de Kaur, temos a denúncia, o assédio, a violência, a resistência como significantes que dizem acerca da mulher. Já, no vídeo, esses são deslocados e se sustenta a necessidade de homenagear a mulher, seja com flores ou com poesia, pelo seu dia.

Palavras-chave: Rupi Kaur. Outros Jeitos de Usar a Boca. Análise de Discurso.

Abstract

In this paper, from the theoretical perspective of Discourse Analysis, we will analyze a video, produced by Editora Planeta de Livros Brasil, to promote the work of Rupi Kaur, which circulated on the Internet, on the International Women’s Day, as a tribute to women. We intend to reflect upon the dislocations created by the video when presenting the poems of Rupi Kaur recited by famous actresses in Brazil. In Kaur’s work, denunciation, harassment, violence and resistance as signifiers about women. In the video, however, such signifiers are dislocated and the need to honor the women is supported, whether it be with flowers or poetry, for their day.

Keywords: Rupi Kaur. Milk and Honey. Discourse Analysis.

Dantielli Assumpção Garcia

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: dantielligarcia@gmail.com

Maria Beatriz Ribeiro Prandi

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: bia.prandi@hotmail.com

Melissa Frangella Lozano

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: psimelissa.lozano@gmail.com

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: luciliamsr@ffclrp.usp.br

Dizeres iniciais: de deslocamentos se funda o discurso

Neste trabalho, partiremos da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1997) para analisarmos um vídeo em homenagem às mulheres, veiculado no Dia Internacional da Mulher e na semana em que alguns casos de violência contra a mulher foram expostos na mídia¹. Nesse vídeo, as atrizes globais Luisa Arraes (23 anos), Débora Nascimento (31 anos), Mariana Xavier (36 anos), Cris Vianna (40 anos) e Andreia Horta (33 anos)² recitam os poemas de Rupi Kaur, de seu livro “*Milk and Honey*”, publicado no Brasil como “Outros Jeitos de Usar a Boca” (KAUR, 2017). O vídeo foi divulgado na página do Facebook da Planeta de Livros Brasil, editora responsável pela publicação da obra de Rupi Kaur no Brasil.

É sobre um deslizar de sentidos referentes à mulher que falaremos aqui, desenvolvendo, a partir do uso metonímico posto na poesia, uma análise acerca da mulher que diz e é dita no contemporâneo hoje, não deixando de lado o atravessamento da memória com relação ao modo como a mulher foi vista e falada em nossa história. Chamamos a atenção o tom de “homenagem” tido no vídeo ao invés do uso de significantes como denúncia, assédio, violência, resistência, os quais se fazem fortemente presentes na obra de Rupi Kaur. Sua obra poética não se faz somente enquanto uma homenagem, mas se posta, a partir da força e da crueza de suas palavras, a levantar reflexões acerca da posição da mulher no contemporâneo, uma mulher que é, muitas vezes, vítima de assédios, violências, repressão.

Nossa proposta neste texto é analisar o vídeo de divulgação no Brasil da obra de Rupi Kaur, refletindo sobre o deslizamento que este produz, deslocando os significantes *denúncia*, *assédio*, *violência*, *resistência* para *homenagem*, isto é, para outro campo semântico. Ademais, objetivamos compreender como, pela via do poético, outros deslocamentos são produzidos: do corpo da mulher para a travessia da linguagem e de seus efeitos e modo de dizer do feminino; da mulher como extensão

1 Um desses casos refere-se a uma figurinista da Rede Globo de Televisão que foi assediada pelo ator José Mayer. Após a divulgação desse crime, começam a circular na rede inúmeros outros exemplos de casos de violência contra a mulher e a hashtag #Mexeu com uma, *Mexeu com todas* faz eco no ciberespaço.

2 Vale ressaltar que, de acordo com Carlo Carrenho (2017), tais atrizes não cobraram cachê para recitarem os poemas para o vídeo.

de formas de significar seus dilemas (da cor, da beleza, da força, da tensão com o diferente).

A “Instapoeta” Rupi Kaur³ e sua poesia: “metade seda, metade lâmina”

Nascida em Punjab, noroeste da Índia, imigra com a família para o Canadá, com apenas quatro anos de idade; “istapoeta” de 26 anos, ela inicia sua carreira na literatura por meio das redes sociais (como Instagram e Tumblr). Em 2014, publica independentemente seu primeiro livro, *Milk and Honey*, o qual ficou mais de 40 semanas na lista dos mais vendidos do *The New York Times*, ultrapassando a marca de 1 milhão de exemplares impressos. Ganha fama internacional em 2015 em virtude de uma censura do Instagram. Rupi havia postado uma foto, para um curso de Retórica Visual da Universidade de Waterloo, na qual aparecia deitada de pijama e em sua calça era possível ver uma pequena mancha de sangue, uma mancha de menstruação. Igualmente o lençol guardava vestígios dessa marca tão constante no universo feminino, um ciclo mensal, um indício da fertilidade e da relação da mulher com o furo a mais que carrega no corpo.

Analisamos aqui dois pontos: é evidente que o corpo feminino menstrua mensalmente, o que marca uma regularidade sabida e reconhecida por qualquer um seja pelo efeito médico-ginecológico, seja pelo comércio de absorvente, por exemplo; no entanto, há coisas a não saber e sentidos considerados indesejáveis que, pelo efeito da ideologia, devem ser mantidos em silêncio e fora de circulação. Isso aponta um modo de impedir a circulação de certos modos de representar e discursivizar o mundo, as imagens e as palavras que possam apontar o feminino de forma diferente daquele funcionamento padrão estabelecido como socialmente correto e aceito para o corpo feminino. Sejamos mais precisas: ao corpo feminino de uma poeta, cabe um lugar notório e uma fotografia em que a menstruação fica longe, excluída desse espaço semanticamente ordenado de notoriedade ou de exposição, espaço este cuja memória discursiva congelada sócio-historicamente dita o que cabe em um corpo feminino e o que dele deve ser excluído.

3 As informações relativas à biografia de Rupi Kaur foram obtidas nas seguintes fontes: Bravo (2017); Terto (2017) e no *website* da escritora (RUPU KAUR, 2017).

Figura 1 - Foto censurada



Fonte: Instagram Rupi Kaur (2015) / Rao (2015)

A poeta, ao ser censurada pelo Instagram, compartilha em seu Facebook a seguinte crítica a esse silenciamento (ORLANDI, [1983] 2003):

Obrigada Instagram por fornecer a resposta exata que meu trabalho foi criado para criticar. Vocês deletaram a minha foto duas vezes, afirmando que ia contra as diretrizes da comunidade. Eu não vou pedir desculpas por não alimentar o ego e o orgulho de uma sociedade misógina que terá o meu corpo em uma roupa íntima, mas não está de acordo com um pequeno vazamento quando as suas páginas estão cheias de incontáveis fotos/contas onde mulheres (muitas menores de idade) são objetificadas, pornificadas e tratadas como menos que humanas⁴.

Por meio de um efeito de denúncia, Rupi Kaur, em seus poemas, desenhos, fotografias, coloca em funcionamento um efeito de/ sobre as mulheres em diferentes posições de dizer, e usa das plataformas digitais para fazer circular esses seus dizeres, construindo em rede seus versos, desenhos e fotografias. De acordo com a autora em entrevista a um site português, as “histórias” relatadas nos poemas são:

... e só assim é que consigo transmitir tão bem as emoções. As que não me aconteceram a mim, aconteceram às mulheres à minha volta, uma prima, uma amiga ou uma vizinha. Todas as histórias são não-ficção, mas nem todas são sobre mim. [...] São sobre várias pessoas que conheço, na verdade. Quando, há uns anos, comecei o meu blog recebia muitos e-mails de pessoas que me contavam que os tios ou

os primos lhes tinham feito certas coisas. Ouvia tanto sobre esses problemas que a minha poesia tinha de abordá-los. (KAUR, 2015 apud COSTA, 2015).

Rupi Kaur faz parte de uma geração de “Instapoetas”, ao lado de nomes como Tyler Knott Gregson, Lang Leav, cujos seguidores on-line contribuíram para projetá-los na lista de livros mais vendidos. Como afirma Stone (2015 apud FOLHA DE SÃO PAULO, 2015), esses “instapoetas” atraem os leitores com seus versos:

Que muitas vezes soam como se tivessem sido arrancados das páginas de um diário. E seus poemas estão alcançando centenas de milhares de leitores, atraindo a atenção de agentes literários, editores e publishers e derrubando a reputação tradicional da poesia de ser um gênero artístico elevado, com apelo popular limitado.

A ascensão acelerada dos “Instapoetas” provavelmente não chegará a abalar o establishment literário, e seus escritos dificilmente vão impressionar críticos ou puristas literários, que podem ironizar a ideia da equivalência entre cliques e qualidade artística. Mas podem mudar a ideia que insiste em se perpetuar de que a poesia é um gênero criativo em declínio.

Vale dizer que são vários os exemplos – no país inclusive – de escritores que iniciam seus trabalhos mobilizando a plataforma digital como tela de sua inscrição e, depois de um tempo de exposição em rede, lançam seus livros já com um público leitor conquistado e comercialmente interessado na materialidade do impresso. Em outros trabalhos, analisamos esse deslocamento da tela dos aplicativos digitais para a página do livro em relação ao poeta Zack Magiezi, observando o modo como a internet possibilita a emergência de outras vozes – muitas vezes de resistência aos discursos hegemônicos e normatizados pela formação discursiva dominante – dissonantes dos catálogos higienizados das editoras para, depois da circulação no on-line, serem incorporados por eles (SOUSA, 2016). Mas voltemos ao objeto de nosso artigo.

No Brasil, o livro “Outros Jeitos de Usar a Boca” ficou, no dia 08 de abril de 2017, no oitavo lugar da lista de mais vendidos de ficção publicada pela Folha (MEIRELES, 2017). A editora Planeta de Livros Brasil

4 FACEBOOK. Rupi Kaur Poetry. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rupikaurpoetry/?fref=ts>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

não divulga a tiragem da obra, a qual marca também uma recente ascensão do feminismo por tratar poeticamente temas como relacionamentos abusivos, violência, empoderamento, corpo feminino. Conforme Raquel Cozer, editora da Planeta, “o feminismo já é percebido como um ‘produtor’ poderoso pelo mercado não só porque as empresas descobriram as mulheres como público mas também porque elas produzem cada vez mais conteúdo com foco no empoderamento” (MEIRELES, 2017).

Com foco nesse empoderamento (“econômico”), a editora “homenageia”, com um vídeo dos poemas de Rupi Kaur recitado por atrizes globais, as mulheres em seu Dia Internacional:

Figura 2 - Homenagem da Planeta



Fonte: Facebook Planeta de Livros Brasil (2017)

De acordo com a Editora Planeta de Livros Brasil, “Outros Jeitos de Usar a Boca” (KAUR, 2017) é um livro de poemas sobre a sobrevivência das mulheres, trazendo à tona a experiência de violência, abuso, amor, perda e feminilidade. O caráter poético de tal obra nos convida a perceber outros efeitos inesperados para o *significante boca*, colocando o leitor a pensar que outros efeitos seriam esses e de qual ordem do uso da boca a autora estaria

tocando. Seria da boca enquanto objeto com que transita o dizer ou desta enquanto objeto de uso sexual de satisfação de um desejo. Teria como fazer essa diferenciação?

Para a Análise de Discurso (AD) que Michel Pêcheux teorizou, a linguagem não possui significado estático, tendo então que ser tomada em seu funcionamento discursivo, considerando-a a partir das condições de produção da materialidade simbólica, ou seja, das condições de emergência daquele dizer. Ela é então um sistema de signos, de sentidos não fixos, que ficam à deriva do jogo da língua em sua relação com a história. É nesse aspecto que a metáfora, muito utilizada nos textos poéticos, entra atuando como um deslizamento de sentidos que são produzidos a partir de outra materialidade simbólica. Segundo Pêcheux (1990: 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, ao deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Além desse axioma tão conhecido na obra do autor, tomamos aqui uma reflexão em que Gadet e Pêcheux (2004: 45) inscrevem, com radicalidade, os efeitos do poético na língua, intervalo de “loucura” e de amor à língua e ao corpo maternos, ou seja, inscrição de uma insistência que “toma a forma de um amor de língua-mãe ou de língua materna”. Estamos assim no ponto em que a AD formula algo sobre a poesia: o encontro do real como impossível com o amor por um corpo sempre espedaçado e tomado aos poucos, o corpo da língua materna. Nesses termos, afirmam os autores:

Então o simbólico faz irrupção diretamente no corpo, as palavras tornam-se peças de órgãos, pedaços do corpo esfacelado que o logófilo vai desmontar e transformar para tentar reconstruir ao mesmo tempo a história de seu corpo e a da língua que nele se inscreve: essa “loucura das palavras”, que pode desembocar na escrita (Rabelais, Joyce, Artaud ou Beckett), na poesia (Mallarmé) ou na teoria linguística, persegue sem trégua o laço umbilical que liga o *significante* ao *significado*, para rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo (...)

Nesse empreendimento linguístico selvagem, louco por palavras, não há separação entre o grito e o vocábulo, procuram-se as sementes das palavras entre os sons e o sentido, perseguem-se as palavras sob as palavras através das aliterações, dos acoplamentos, das repetições e das equivalências (...). (GADET, PÊCHEUX, 2004: 45-46)

Essa loucura dos poetas por sua língua marca e situa um modo próprio de desfiar os sentidos estabilizados, descongelando o que é naturalizado como evidente e desvestindo de verdades imaginárias certas certezas sobre o feminino, no caso, fazendo falar outros modos de dizer do corpo da mulher (menstruada, como já vimos) e seu lugar sócio-historicamente (como bela como veremos a seguir). Podemos ver então que os poemas de Rupi Kaur e o vídeo utilizam-se da via do poético como “resposta possível ao tratamento do inominável e do impossível” (SOUSA, 2016: 155), como um modo de fazer falar efeitos de deslocamentos que dão visibilidade à metáfora, produzindo-se, dessa maneira, novos sentidos, sendo assim possível compreender o jogo significativo tido nas obras.

Em um primeiro momento do vídeo, é enunciada uma reflexão acerca do significante primário utilizado para elogiar uma mulher, o “bonita”, levando o espectador a refletir sobre a variedade de formas de se elogiar uma mulher e principalmente sobre a força tida naquela mulher que se está ali a elogiar, tendo este sentido sido posto através da metáfora “**quando o seu espírito já despedaçou montanhas**”, fazendo assim uma alusão à força da e os enfrentamentos vividos pela mulher.

Quero pedir desculpas a todas as mulheres/
que descrevi como bonitas/ antes de dizer
inteligentes ou corajosas/ fico triste por ter
falado como se/ algo tão simples que nasceu
com você/ fosse seu maior orgulho quando
seu/ espírito já despedaçou montanhas. De
agora em diante, vou dizer coisas como/ *você
é forte* ou *você é incrível*! Não porque eu não
te ache bonita/ mas porque você é muito mais
do que isso (KAUR, 2017: 179).⁵

Ao nos depararmos com esse efeito de força para despedaçar montanhas nos perguntamos sobre a necessidade dessa realização. Qual seria a causa desse despedaçar montanhas? Que estrutura é essa que a mulher vem tendo que atravessar no contemporâneo hoje? Logo adiante a isso, o vídeo discursiviza uma metáfora ao colocar que a mulher não foi feita com um **incêndio na barriga** para que pudesse se apagar. Que sentidos estão tidos ali? Um calar da/para a mulher? O que os versos

abaixo materializam é justamente o efeito de ineficácia das tentativas de calar a poeta e a mulher, visto que o movimento de resistência da poetisa funda, em seus pontos de leveza, a densidade e a contundência de sua crítica e de sua palavra. Beleza como medida imaginariamente fixada para a mulher: eis o que a poeta faz deslizar para outros campos, quais sejam, aqueles endereçados à coragem, inteligência e força.

você me diz para ficar quieta porque/ minhas
opiniões me deixam menos bonita/ mas não
fui feita com **incêndio na barriga**/ para que
pudessem me apagar/ não fui feita com
**leveza na língua/ para que fosse fácil de
engolir**/ fui feita pesada/ **metade lâmina
metade seda**/ difícil de esquecer e não tão
fácil/ de entender (KAUR, 2017: 30).

O vídeo então desliza para falar de outros cortes, não mais o da beleza, inteligência e força, mas os da escravidão. Tecendo então sobre suas marcas nos sujeitos, no caso as mulheres de cor e na história, colocando então que as costas da mulher negra contam histórias que nenhum livro tem lombada para carregar, ou seja, que a história documentada, estabilizada, muitas vezes, não comporta ou não deseja comportar para que não haja um protagonismo da mulher negra nas lombadas dos livros.

Nossas costas contam histórias
Quenhumlivrotemalombadapara carregar
- mulheres de cor. (KAUR, 2017: 11).

Como ressalta Cestari (2015: 39), as mulheres negras foram/são nomeadas e significadas historicamente (como “corpo de trabalho” e como “corpo-sexo”) por outras vozes, isto é, pela voz do outro e não por sua própria voz. O “nós” do poema produz um estranhamento que nos permite pensar que não é a mulher negra que introduz sua voz no poema e sim o outro que reproduziria o falar das mulheres de cor (vejamos que a fala é introduzida por um travessão. Estaria o outro ouvindo a mulher negra e reproduzindo seu dizer por meio do discurso direto. É a voz da mulher de cor, mas sendo permitida por um outro.). O “nós” não incluiria a poeta (diferentemente do poema anterior em que há uma enunciação em primeira pessoa do singular), uma vez que a questão da raça a afeta

⁵ Após a transcrição do vídeo, localizamos os poemas completos no livro da poeta e os inserimos aqui com esta referência.

diferentemente do modo como afeta a mulher negra, que tem suas costas marcadas pela chibata da escravidão. Já no vídeo esse estranhamento não se produz, pois a atriz que o recita é negra e “sua cor”, pelo funcionamento da memória, faz retomar dizeres sobre a escravidão e o modo como a mulher negra sofreu naquele período. No vídeo, aparentemente, esse poema só poderia ser dito por uma mulher negra, uma vez que em seu corpo já se inscreveria a luta de suas ancestrais. O “- mulher de cor” acaba por funcionar no vídeo como o título do poema e não somente como o sujeito daquele dizer.

No último poema do vídeo-homenagem, uma outra imagem⁶ da mulher é posta em evidência, não a mulher negra que tem uma história relacionada à escravidão, mas uma mulher que, apesar das violências sofridas, de ter tido o encontro com pessoas não gentis, é gentil e “leite e mel” pingam de sua boca. À mulher, a doçalidade, a gentileza, a ostentação “das virtudes próprias da feminilidade: o recato, a doçalidade, uma receptividade passiva” (KELH, 2016: 40).

Como é tão fácil para você ser gentil com as pessoas ele perguntou.

Leite e mel pingaram dos meus lábios quando respondi porque as pessoas não foram gentis comigo (KAUR, 2017:11).

O vídeo encerra-se reafirmando tratar-se de uma homenagem às mulheres e usa de um desenho de Rupi Kaur para “presentear” as mulheres com uma flor:

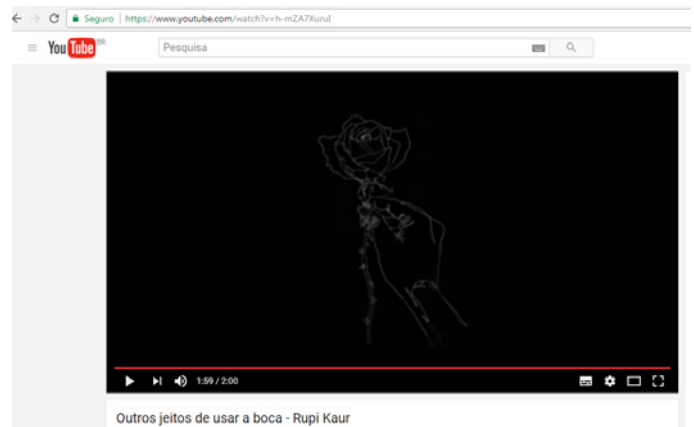
Figura 3 - Homenagem da Planeta “Outros jeitos de usar a boca”



Fonte: www.youtube.com/watch?v=h-mZA7XuruI

⁶ Para a Análise de Discurso, no jogo das formações imaginárias, o que se leva em consideração é a projeção da posição social no discurso. Desse modo, não é da mulher, como sujeito empírico, que estamos falando, mas da imagem que a nossa sociedade faz da mulher.

Figura 4 - Homenagem da Planeta “Outros jeitos de usar a boca”



Fonte: www.youtube.com/watch?v=h-mZA7XuruI

Ademais, no vídeo-homenagem, apaga-se o poema em que tal desenho estava contido:

você tinha uma beleza tentadora
mas quando cheguei perto me feriu
(KAUR, 2017: 87)

Marcando uma situação de violência, o outro, apesar de sua “beleza tentadora”, todavia cheia de espinhos como a rosa desenhada, fere a mulher que se seduz com a flor que lhe é presenteadas. O gesto de ferir, no vídeo, é apagado e as violências que as mulheres sofrem e podem sofrer, inclusive no seu dia internacional, quando são presenteadas com flores, são silenciadas. No vídeo-homenagem, a leveza de um dizer sobre a mulher é sustentada, o que se confronta com a poesia de Rupi Kaur que marca como o assédio, a violência, a resistência são comuns no cotidiano das mulheres.

Por fim, o vídeo sustenta uma imagem da mulher como “metade seda”, não “lâmina” que corta, muitas vezes, como resposta às violências que sofre. Embora a obra de Kaur busque produzir efeitos de denúncia e resistência, o vídeo constitui-se como uma homenagem, ressaltando mais a delicadeza da obra do que a força que o dizer sobre e o dizer da mulher, por meio do poético, produz. A flor da luta pelas palavras, pelo poético, no vídeo, esvazia-se para mais uma simples homenagem às mulheres pelo seu dia, apagando as denúncias de assédio, violências sofridas por essas mulheres, sejam por sua cor, beleza, voz.

Considerações Finais: “leite e mel pingaram dos meus lábios”

Neste trabalho, intentamos mostrar como a poesia de Rupi Kaur “usa da boca” para dizer da/sobre a mulher, explicitando como diferentes formas de violência/assédios as interpelam. Explicitamos também como a Editora, responsável pela divulgação da obra de Rupi Kaur no Brasil, faz uso da voz da poeta para homenagear as mulheres, marcando, pela Planeta de Livros Brasil, uma jogada publicitário-econômica que faz uso do Dia Internacional da Mulher para, com dizeres de homenagem, vender mais livros e fazer da mulher e de sua escrita poética um objeto de lucro na sociedade do capital.

Da força da “denúncia, resistência” para a “homenagem”, dizeres sobre o corpo da mulher são postos em circulação e significam seus dilemas. Da “leveza da língua” à “cruzeza” do lucro, a mulher, suas vivências e dores são poetizadas e comercializadas no contemporâneo hoje.

Referências

BRAVO, Taís. (2017). Rupi Kaur e a poesia de agora. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/rupi-kaur-e-a-poesia-de-agora-22e13844afd3>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CARRENHO, Carlo. 2017. Outros jeitos de vender poesia. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2017/03/31/outros-jeitos-de-vender-poesia?fb_comment_id=1611608582190432_1613156772035613#f1790cbfdbfa504>. Acesso em: 1 maio 2017.

CESTARI, Mariana Jafet. (2015). *Vozes-mulheres ou feministas e antirracistas graças às Yabás*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto da Linguagem, Campinas.

COSTA, Andreia. (2017). Rupi Kaur: “A carreira de escritora não era aceitável para os meus pais”. Disponível em: <<https://nit.pt/coolt/livros/entrevista-rupi-kaur-leite-mel>>. Acesso em: 1 maio 2017.

FACEBOOK. Planeta de Livros Brasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PlanetadeLivrosBrasil/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

FACEBOOK. Rupi Kaur Poetry. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rupikaurpoetry/?fref=ts>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. (2015). Jovens escritores ‘viralizam’ poesias com ajuda de redes sociais nos EUA. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1704527-jovens-escritores-viralizam-poesias-com-ajuda-de-redes-sociais-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da Linguística*. Campinas: Pontes.

INSTAGRAM. Rupi Kaur. Disponível em: <https://www.instagram.com/rupikaur_/>. Acesso em: 30 abr. 2017.

KAUR, Rupi. Rupi Kaur. (2017). Disponível em: <<https://www.rupikaur.com/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

_____. (2017). *Outros jeitos de usar a boca*. São Paulo: Planeta do Brasil.

KELH, Maria Rita. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo.

MEIRELES, Maurício. (2017). Do comercial ao ‘cabeça’, editoras do país exploram livros feministas. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1873710-do-comercial-ao-cabece-editoras-do-pais-exploram-onda-feminista.shtml>. Acesso em 12 abr. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. [1983]. (2003). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Editora da Unicamp: Campinas.

PÊCHEUX, Michel [1975]. (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Pontes: Campinas.

PLANETA DE LIVROS BRASIL. (2017). Outros jeitos de usar a boca. Disponível em: <http://www.planetadelivros.com.br/outros-jeitos-de-usar-a-boca-livro-249112.html#libros_dejate_sorprender>. Acesso em 30 abr. 2017.

RAO, Mallika. (2015). A entrevista com a artista que tirou uma foto ‘daqueles dias’ e quebrou a internet. Disponível em: <www.huffpostbrasil.com/2015/05/14/foto-menstruacao_n_7284806.html>. Acesso em: 01 maio 2015.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão. (2016), O real e a poesia: nos entremeios litorâneos de Pêcheux e Lacan. *Fragmentum*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 47. (p. 155- 169). Santa Maria.

TERTO, Amauri. (2017). A força e a crueza da poesia de Rupi Kaur. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/31/a-forca-e-a-crueza-da-poesia-de-rupi-kaur_a_22010912/>. Acesso em: 12 abr. 2017.

Data de recebimento: 19/07/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.